

Cultura: ser por Cristo

**Notas da colocação de Davide Properi
na assembleia da Associação Italiana de Centros Culturais**

Milão, 18 de maio de 2024

Gostaria de dizer logo de início que as coisas que vou dizer a vocês hoje são o resultado de um longo processo de debate sobre o tema de nossa presença cultural, conduzido nos últimos meses junto com aqueles que compartilham comigo a responsabilidade pelo movimento. Como já dissemos várias vezes nos últimos anos, a autoridade oferece um juízo que é expressão de uma comunhão. Nesse juízo está incluída a contribuição da minha experiência pessoal, vivida por tantos anos nos lugares de responsabilidade do movimento, primeiro com Dom Giussani, depois com Pe. Carrón e agora na função que me foi confiada na nossa companhia.

Tempos de recapitulação, discernimento, renovação e relançamento missionário

Quero começar com estas palavras proferidas pelo Papa Francisco na Audiência concedida a CL em 15 de outubro de 2022: «Não faltaram sérios problemas, divisões e, decerto, também um empobrecimento na presença de um movimento eclesial tão importante quanto Comunhão e Libertação, do qual a Igreja, e eu mesmo, espera mais, muito mais. Os tempos de crise são tempos de recapitulação da vossa extraordinária história de caridade, de cultura e de missão; são tempos de discernimento crítico daquilo que limitou o potencial fecundo do carisma de Dom Giussani; são tempos de renovação e retomada missionária à luz do momento eclesial atual, bem

como das necessidades, dos sofrimentos e das esperanças da humanidade contemporânea».

A partir dessas palavras do Santo Padre, acho que fica claro que, dentro do caminho educativo que a Igreja – assim como a nossa própria história – nos confia neste momento histórico, não podemos deixar de refletir seriamente sobre os aspectos que caracterizam a relação com a nossa origem, com aquilo que estamos acostumados a chamar de “carisma”, também com referência aos conteúdos propostos nos anos passados e àqueles que queremos levar adiante nos próximos anos. Por isso, gostaria de aproveitar este encontro para tentar delinear minhas preocupações com relação ao tema da cultura que é central para nós. E espero que isso também ajude a esclarecer que minhas ênfases nos últimos anos não tiveram a intenção de “corrigir” o ensinamento daqueles que me precederam – uma intenção que às vezes é atribuída a mim – mas sim de desenvolver os termos de um discurso que – também de acordo com o que é sugerido pelas palavras do Papa – precisa de um novo passo.

Durante os anos em que o movimento foi guiado por Pe. Carrón, o juízo de fundo, por assim dizer, dedicado à presença cultural foi identificado em uma expressão muito eficaz que, como sabemos, deu o título ao livro que reúne alguns de seus discursos, devidamente revisados, traduzidos em várias línguas e apresentados em várias partes do mundo: *A beleza desarmada*.¹

Essa feliz expressão contém – vou resumir por uma questão de tempo – o conceito de que a beleza é “desarmada”, no sentido de que o testemunho gratuito de uma experiência marcada pelo encontro com Cristo tem em si uma beleza tal que é capaz de atingir os corações, de convencer o outro da própria conveniência sem impor nada, pelo contrário, exaltando a sua liberdade de adesão. A isso voltarei em breve.

Olhando para a imagem, gostaria de observar imediatamente, no entanto, que não devemos esquecer que a beleza é sempre, em certo sentido, também “armada”, como tentarei explicar daqui a pouco. Esse, ao que me parece, é um aspecto que estamos tentando recuperar e que talvez tenha faltado um pouco em nosso discurso sobre cultura nos últimos anos. Obviamente, é inevitável que em determinados períodos

1 J. Carrón, *A beleza desarmada*, São Paulo: Ed. Companhia Ilimitada, 2016.

enfaticemos mais alguns aspectos e em outros enfatizemos outros. O problema surge quando um determinado juízo ou dado em um determinado contexto histórico é progressivamente entendido ou interpretado de maneira unilateral. Foi o que aconteceu em parte, por exemplo, na questão da cultura, causando mal-entendidos e divisões, especialmente entre muitos que tinham vivido um período de intensa experiência de presença no ambiente durante o período passado com Dom Giussani. Esses são mal-entendidos e divisões que arrastam suas consequências até hoje. Aqui, eu gostaria, em primeiro lugar, de limpar o campo do possível mal-entendido de que estaríamos operando uma espécie de *damnatio memoriae* em nosso passado recente ou até mesmo uma remoção do ensino dos últimos quinze anos. Pelo contrário, o que estamos tentando fazer, justamente a partir do reconhecimento do valor objetivamente positivo do que foi dito e feito até agora, é evidenciar, ou melhor, ampliar a nossa visão de toda a proposta educativa de Dom Giussani, na qual a presença cultural desempenha, sem dúvida, um papel fundamental. «Encorajo-o, portanto, junto com seus colaboradores, a continuar o trabalho realizado que visa a preservar uma visão integral»,² nos escreveu recentemente o Santo Padre.

A beleza é *splendor veritatis*

Em que sentido, então, a beleza também seria “armada”? Começo observando que a beleza de que falamos, como a história documenta suficientemente, despertou e ainda desperta atração e adesão, mas também resistência e rejeição. Por quê? Porque a beleza, como Dom Giussani sempre nos propôs a partir da tradição da Igreja, é *splendor veritatis*, é o esplendor da verdade e do bem: a beleza é a manifestação da glória de Cristo, e essa glória, ao resplandecer, não suscita necessariamente sempre apenas atração, mas pode suscitar também repulsa, dependendo da posição do coração de quem a encontra. E eu acrescentaria que, se a beleza não brilhasse a ponto de apresentar uma proposta que é a proposta integral da verdade de Cristo, não seria a beleza de Cristo, mas outra coisa. Quero dizer, este é o ponto, que a beleza de Cristo é também uma espada, atrai e também desafia, interpela, fere, e nesse sentido é também “armada”: não porque necessite do apoio de “armas” externas (o apoio do poder do Estado, por exemplo), mas porque,

2 «A carta do Papa», Santa Marta, 30 de janeiro de 2024, in *Passos*, nº 266 – mar/abr 2024, p. 5.

por sua própria natureza, na medida em que é o resplendor da verdade e do bem, encarnando-se, isto é, acontecendo, propondo-se, opõe-se também às nossas medidas, ao “mundo”.³ Assim, ela nos desafia, entra em luta, em polêmica com o que normalmente pensamos, exigindo um amor à verdade mais do que a nós mesmos, um amor que sempre implica sacrifício. Portanto, a beleza não perde nada de seu esplendor quando tem a coragem de se colocar, de assumir uma posição, talvez até em contraste com o mundo, “forte” na comunhão eclesial e nas riquezas de sua *tradição*. E ela não apenas não perde nada, mas prova que é realmente assim. Daí um importante corolário ou consequência: não temos que começar tudo de novo todas as vezes, mas podemos construir sobre uma história que chegou até nós com toda a sua concretude. Como os medievais sabiamente costumavam dizer, somos anões nos ombros de gigantes. Até porque, de que outra forma você explicaria o florescimento de realidades como as que vocês representam aqui hoje se a presença e o testemunho cristãos fossem meramente fruto de força ou compromisso subjetivo? É certamente uma questão *pessoal* – isso sim –, mas é necessário eliminar desta palavra toda a possível ambiguidade que pode reduzi-la ao *individual* ou *individualista*, de acordo com um conceito de “eu” que não implica um “nós” como uma consciência madura de pertencimento. Porque quando esse “nós” está ausente, nossa presença se torna frágil e permanece imatura, como dissemos nos Exercícios da Fraternidade. Uma fé madura é uma fé alimentada pela amizade com Cristo, que se exprime antes de tudo na comunhão vivida, exercitada e expressa em todos os aspectos da nossa relação com a realidade. Dom Giussani, em um encontro com GS em 1979, no qual conta sua primeira audiência – que acabara de acontecer – com João Paulo II, expressa esse conceito da seguinte maneira: «A comunidade para nós é, portanto, a expressão de uma *realidade ontológica*, de um ser profundo, de uma verdade real. Precisamente por sermos um, devemos nos expressar em fraternidade, em comunidade».⁴

-
- 3 Falando do início de GS (*Gioventù Studentesca, primeiro núcleo de Comunhão e Libertação*), Dom Giussani observa: «Naquela época, eu me lembrava com frequência de uma frase, aparentemente anti-ecumênica, de um livro de Mons. Salvatore Garofalo que eu lera quando ainda estava no ensino médio, e que começava assim: “O cristianismo entrou no mundo em polêmica com o mundo”. [...] Pois, também para mim, também para nós, é assim: o cristianismo é ditado ou chega aos ouvidos do nosso coração e da nossa consciência em oposição, em contraste, em luta, em polêmica com o que normalmente pensamos, com o que normalmente sentimos e com a maneira como normalmente nos comportamos» (L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, Rio de Janeiro: Sociedade Litterae Communionis, 2021, p. 151).
- 4 Prossegue Dom Giussani: «Mas a comunidade não é um agrupamento. A comunidade é uma dimensão

No Dia de Início de Ano, ouvimos as palavras de Bento XVI: «A nossa fé só é realmente pessoal, se for também comunitária».⁵ Analogamente, na mesma colocação de '79 que acabei de citar, Dom Giussani retoma as palavras de João Paulo II [que cita a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI]: «Evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas sim profundamente eclesial [...], um ato da Igreja».⁶ Giussani confirma: «Por que insistimos muito no aspecto comunitário? Porque não apenas o fato de estarmos juntos nos dá força, mas, acima de tudo, porque é um dever. A comunidade, o fato de estarmos juntos, é a expressão da comunhão».⁷

Por que uma fé concebida “subjctivamente” é criticada por Bento XVI e por Dom Giussani? Porque corre o risco de ser esvaziada do seu conteúdo de verdade corpórea – por assim dizer –, ou seja, do Fato, acabando por ser reduzida ao senso religioso. A categoria fundamental do cristianismo, tão insistentemente defendida por Dom Giussani, ou seja, a categoria do acontecimento, corre assim o risco de perder consistência, confundindo-se facilmente com a emoção que os acontecimentos suscitam – bons ou ruins, não importa, o importante é que sejam evocativos. Esse risco também está muito presente em nós, como já mencionamos no Dia de Início de Ano.⁸

Ao passo que é uma fé madura – diz-nos Dom Giussani – que é o verdadeiro motor de uma presença no ambiente carregada de novidade, capaz de gerar não apenas pensamentos e discursos, dos quais a televisão, os jornais, as mídias sociais... estão

minha. Mesmo quando saio para fazer outros trabalhos, levo dentro de mim, mesmo que não exatamente em detalhes, os rostos de todas as pessoas com quem estou junto, e gostaria que toda a Igreja tivesse essa consciência: seria o fim do mundo. Porque quando toda a Igreja tivesse essa consciência de unidade e todos os cristãos fossem verdadeiramente uma só coisa, seria o milagre do fim do mundo, porque o mundo inteiro seria forçado a reconhecer. Mas isso já vibra, esse milagre do fim do mundo, já vibra em dois que se encontram e se agarram, se reconhecem, porque ambos têm fé, dizem um ao outro: “Somos um, estamos juntos e, portanto, enfrentamos a vida juntos”. Mas mesmo quando um está em casa, um deles dois está em casa, ele agora tem esse relacionamento dentro de si. Ou seja, a comunidade e a fraternidade são uma dimensão que temos dentro de nós, é uma característica que temos dentro» (Fraternidade de Comunhão e Libertação [FCL], *Documentações audiovisuais*, Encontro de GS com Dom Giussani, Milão, 22 de fevereiro de 1979).

5 Bento XVI, *Audiência geral*, 31 de outubro de 2012.

6 Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n. 60, 8 de dezembro de 1975, in João Paulo II, *Discurso na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, Puebla, México, 1979.

7 FCL, *Documentações audiovisuais*, Encontro de GS com Dom Giussani, Milão, 22 de fevereiro de 1979.

8 D. Proserpi, «A fé, realização da razão», suplemento *Passos*, n. 263-264/nov-dez2023, p. 11.

cheios, mas lugares. Se lembrarem, na reunião de dois anos atrás (Assembleia AIC 2022), dissemos que um centro cultural, independentemente do tamanho, é um local de encontro. Mas para que um encontro ocorra, é necessário que haja uma presença e, portanto, o centro cultural é chamado a ser um local de presença. Uma fé que amadurece, mesmo em meio a mil obstáculos e mesmo sendo contrariada – quando não explicitamente ofendida – gera progressivamente lugares nos quais o juízo nascido da fé lança uma nova luz, a luz do rosto do Cristo Ressuscitado, sobre as vicissitudes de todos os homens e mulheres do nosso tempo.

«Retorno aos aspectos elementares do cristianismo»⁹

Agora, permitam-me articular algumas considerações sobre o que percebo urgente como nossa tarefa histórica na ação cultural pública. Como membros de um movimento, ou mais simplesmente como cristãos, temos uma missão: a vida nova, que nos foi dada por Cristo no batismo e vivificada no encontro com nosso carisma, abre-nos a um horizonte universal, no qual cada um se torna uma contribuição indispensável no lugar concreto onde vive. Que forma essa contribuição deve assumir? A vida das primeiras comunidades cristãs e sua atividade missionária – como os *Atos dos Apóstolos* as apresentam – nos ajudam a responder a essa pergunta. Nela, vemos três características se manifestarem, sempre coexistentes e necessárias.

Um cristianismo atraente

O livro dos *Atos* relata que um número cada vez maior de pessoas estava aderindo à fé, atraídas pela vida daquele grupo que se reunia sob o pórtico de Salomão. Dom Giussani escreve sobre isso: «A Igreja começou assim, literalmente, a “fazer-se ver” naquele Pórtico de Salomão, a propor aos outros um primeiro emergir visível de si,

⁹ «Eu não apenas nunca pretendi “fundar” nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais» (L. Giussani, «Carta a João Paulo II, 26 de janeiro de 2004», in A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 1167).

uma primeira percepção que não se pode deixar de chamar comunitária». ¹⁰ A vida daqueles primeiros cristãos, a caridade fraterna, a alegria e a certeza com que viviam as circunstâncias cotidianas da vida despertavam estima e curiosidade. Era uma experiência de vida que despertava atração. Portanto, cada um de nós é chamado a viver e a dar testemunho da beleza e da alegria da fé em Cristo onde estivermos. Leio de *A beleza desarmada*: «Esta é a tarefa fundamental dos cristãos numa sociedade pluralista: serem eles mesmos, testemunhando a novidade de vida que nasce do encontro com Cristo. [...] “A contribuição dos cristãos só é decisiva se a inteligência da fé se torna inteligência da realidade” (Bento XVI)». ¹¹

Diálogo e juízo cultural

Gostaria de me deter um pouco mais nesse segundo ponto. O texto de *A beleza desarmada* continua assim: «Um protagonista como o que descrevemos não se assusta ao ter de viver no atual pluralismo cultural. E menos ainda se sente oprimido pela pretensão ou pela lamentação. É justamente neste contexto de crise do humano, de misteriosa letargia e de tédio invencível, que a fé cristã pode mostrar toda a sua conveniência para o homem. Isto terá lugar se soubermos comunicar, através de uma experiência, que a fé torna a vida mais humana, mais intensa, mais digna de ser vivida». ¹²

O episódio de São Paulo no Areópago é esclarecedor a esse respeito. De fato, o livro dos *Atos* nos apresenta Paulo na cidade de Atenas, dialogando com todos que encontra, a ponto de ser levado ao tribunal do Areópago. Em seu discurso, Paulo se baseia no que observou na cidade (“pluralismo cultural”): uma estátua dedicada ao *Deus desconhecido*. Ele não se escandaliza com a evidente idolatria de seus interlocutores, mas leva a sério o desejo religioso deles, que se manifesta por meio dela. Mas aqui, cuidado: em que sentido ele leva isso a sério? Paulo transforma o que era simplesmente uma salvaguarda contra a possível ofensa a alguma divindade excluída do Panteão na possibilidade de anunciar aos atenienses «o que vocês adoram sem saber». ¹³ Em outras palavras, Paulo dá um significado novo e mais verdadeiro ao que ele encontra na reli-

¹⁰ L. Giussani, *Por que a Igreja*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 119.

¹¹ J. Carrón, *A beleza desarmada*, op. cit., pp. 108-109.

¹² *Idem*, p. 109.

¹³ At 17,23.

giosidade dos atenienses: ele não tem medo de entrar em diálogo com eles, de ouvi-los e, ao mesmo tempo, não hesita em anunciar-lhes o que eles ainda não sabem, mas que ele é capaz de explicar-lhes de forma mais completa.

Uma frase do Papa Francisco expressa bem a condição para esse diálogo: «O renascimento de um diálogo muitas vezes não vem das palavras, mas do silêncio, sem insistências, do recomeçar pacientemente a ouvir a outra pessoa, de ouvir as suas lutas, o que tem dentro. A cura do coração começa com a escuta».¹⁴ Portanto, uma autêntica cultura nova sempre requer uma escuta séria das perguntas, das provocações e dos desafios que a mentalidade dominante coloca para a Igreja. Esse me parece ser um traço inconfundível do nosso carisma: deixar-se afetar, ferir por essas questões, ter o gosto de ser provocado e questionado por elas, sem se furtar ao confronto em nome de um interesse supostamente “superior”. Portanto, a provocação que vem das perguntas novas e sem precedentes que o mundo coloca diante de nós, se as ouvirmos com humildade, pode paradoxalmente nos abrir para uma descoberta mais profunda da verdade contida em Cristo e no carisma. Chegando ao ponto de abordar e talvez até esclarecer pontos, em tantas questões, que Giussani ou a própria Igreja ainda não esclareceram explicitamente. Giussani foi o primeiro a fazer isso. Agora, da mesma forma, se Giussani, para dar um exemplo, não precisou abordar as questões que a revolução antropológica em curso nos coloca hoje, isso não significa que, por não tê-las abordado, elas devam necessariamente ser consideradas irrelevantes.

O Papa Bento XVI, em sua palestra no Collège des Bernardins, explica o motivo profundo do comportamento de São Paulo: «Os cristãos da Igreja primitiva não consideraram o seu anúncio missionário como uma propaganda, que devia servir para fazer crescer o próprio grupo, mas como uma necessidade intrínseca que derivava da natureza da sua fé: o Deus em que acreditavam era o Deus de todos, o Deus uno e verdadeiro que se tinha mostrado na história de Israel e, enfim, no seu Filho, dando assim a resposta que dizia respeito a todos e que, no seu íntimo, todos os homens aguardam. A universalidade de Deus e a universalidade da razão aberta a Ele constituíam para eles o motivo e, ao mesmo tempo, o dever do anúncio. Para eles, a fé não dependia dos

14 Francisco, *Angelus*, 5 de setembro de 2021.

hábitos culturais, que divergem de um povo para outro, mas ao âmbito da verdade que diz respeito igualmente a todos».¹⁵

Às vezes, por parte de certos cristãos, o diálogo e o juízo cultural são vistos como uma tentativa de proselitismo, ativismo, uma “batalha de valores” ideológica e separatista: em suma, integrismo. Para eles, a única forma de proclamação da fé seria a atração da vida cristã pessoal. Entretanto, em minha opinião, esse último conceito corre o risco de ser ambíguo, mesmo entre nós. Se é verdade, como foi dito, que a atração é o primeiro fator em jogo, também é verdade que ela não pode ser confundida com *agradar o mundo* e não querer ferir sua sensibilidade. Esse não pode ser o critério de ação do cristão. Para dar um passo adiante, cito outra passagem de *A beleza desarmada*: «Para compreender qual tipo de presença é necessário para testemunhar Cristo hoje, pode ser útil ter presente uma observação. Quando temos de defender algo num contexto polêmico, para tornar mais incisiva a nossa resposta, muitas vezes, quase inconscientemente, aceitamos o modo de colocar a questão estabelecido pelo outro. Fazendo assim, nossa posição é determinada pelo seu contrário, é reativa em vez de ser original, ou seja, em vez de ser uma posição que nasce da nossa experiência de fé. Isso nos leva a reduzir mais uma vez o cristianismo ou seu testemunho a pura proposição de uma doutrina, de alguns valores ou de uma ética».¹⁶

Trata-se de uma passagem que exige ser compreendida adequadamente. O juízo ali contido é, sem dúvida verdadeiro quando o testemunho é reduzido à *mera* proposição de uma doutrina; torna-se problemático, porém, quando é interpretado de modo absolutista e unilateral, quase chegando à teorização de um desinteresse, se não de um desamor pela doutrina, pelos valores e por qualquer preocupação ética, sem que se faça uma pergunta séria sobre as implicações educativas dessa posição. Na medida em que isso aconteceu, mesmo entre nós, levou progressivamente a uma fragilidade do juízo pessoal em muitos aspectos muito concretos da vida. Vamos considerar, a título de exemplo, algumas das questões que começamos a abordar em edições recentes da *Tracce [Passos]*: da afetividade à moralidade, até as chamadas questões éticas que ainda hoje são muito debatidas, como a defesa da vida do início ao fim. Muitas vezes, somos frágeis nas razões porque somos frágeis no juízo cultural que uma fé verdadeiramente vivida gera. E o juízo

15 Bento XVI, *Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins*, Paris, 12 de setembro de 2008.

16 J. Carrón, *A beleza desarmada*, op. cit., pp. 109–110.

cultural tem, inevitavelmente, um caráter pessoal (o risco e a criatividade pessoal são fundamentais), mas se não tiver como origem a experiência de uma vida de comunhão e, portanto, não assumir a forma de um juízo comunitário – ou seja, um juízo que «expresse uma vida de comunhão vivida»¹⁷ –, não nasce uma cultura nova, uma cultura realmente cristã, para propor ao mundo. De fato, no fim das contas, os primeiros a se perderem somos nós. Giussani escreve em *Deixar marcas*: «No entanto, se refletirmos sobre nossa experiência, perceberemos como, muitas vezes, o que tende a prevalecer é um egocentrismo que decide por si mesmo os fatores constitutivos do Acontecimento ao qual declaramos pertencer, e que não nasce de nós: em vez da obediência, impõe-se a afirmação do que pensamos. É o fato de não mortificarmos nosso orgulho, é o pecado original que introduz, na simplicidade da origem, na simplicidade criatural, corpos estranhos induzidos por outrem e assumidos por nós».¹⁸

Sobre esse aspecto, não me parece irrelevante observar que, se os valores originados pelo cristianismo têm sido fatores fundadores de nossa civilização por dois milênios, evidentemente sua força reside na absoluta razoabilidade da maneira pela qual o acontecimento de Cristo e da sua Igreja respondem ao desejo do coração do homem de todos os tempos e lugares. Não devemos perder, perdoe o trocadilho, as razões dessa razoabilidade. Não se trata de uma defesa estéril de valores abstratos, mas de uma necessária e contínua proposição e reatualização dos fundamentos de uma identidade, que tem como fonte o rosto de Cristo ressuscitado presente na história. Nesse sentido, é necessário renovar continuamente a transmissão da tradição. Todos nós nos lembramos de como, diante da situação da Igreja na Itália na década de 1950, Dom Giussani concluiu que «uma tradição, ou em geral uma experiência humana, não pode desafiar a história, não pode subsistir no fluxo do tempo, a não ser na medida em que consegue se expressar e se comunicar através de formas que têm dignidade cultural».¹⁹ Depois ele voltou a esse tema várias vezes e de várias maneiras.²⁰

17 L. Giussani, «Sul giudizio comunitario», *Tracce*, n. 6/2001, p. 103.

18 L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 162.

19 L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954–1986). Conversazioni con Robi Ronza*, Milão: BUR, 2014, p. 12.

20 Por exemplo, ainda no já mencionado encontro com GS em 1979, Dom Giussani observou: “Eu disse [ao Papa] que para nós a cultura é uma consciência crítica e sistemática de uma experiência de vida. Uma consciência crítica, portanto consciente das razões, e sistemática, não parcial, de uma experiência de

É claro que a dimensão cultural da proclamação cristã não é isenta de riscos e pode – como no caso de Paulo no Areópago – provocar escárnio ou até mesmo reações muito hostis, até o ponto da perseguição e martírio. Se voltarmos mais uma vez à experiência dos primeiros cristãos, veremos que os seguidores de Jesus eram detestados não tanto e não apenas porque eram vistos como *diferentes* dos outros, mas porque, em vez de cultivar sua identidade isolada dos outros (em uma forma de autodepreciação), eles se colocavam na sociedade levantando questões e emitindo juízos sobre ela e sobre o que estava acontecendo nela. Com isso, os cristãos não se relacionavam com seus próximos simplesmente dizendo “você estão errados, nós estamos certos”, mas mostrando que possuíam uma chave interpretativa da realidade que era mais capaz de colher todos os seus fatores e que desafiava a de seus interlocutores.

O martírio

Na terceira parte dos *Atos*, Lucas nos propõe a dimensão do martírio da proclamação cristã. Talvez este não seja o momento de nos aprofundarmos nisso, mas é importante observar que, ao colocar essas três dimensões em ordem cronológica, Lucas quer nos preservar da tentação de absolutizar uma delas em detrimento das outras.

Hoje, sem dúvida, estamos em um clima cultural diferente daquele de quando os *Atos* foram escritos. Vivemos em uma época “pós-cristã”, como tem sido chamada, caracterizada por um forte relativismo e permeada pela mentalidade do “politicamente correto”, em que a mera expressão “juízo cultural” pode parecer motivo de divisão e falta de respeito pela liberdade dos outros. Como podemos hoje ser interlocutores de uma sociedade que não é mais cristã, mantendo o direito e o respeito sagrado pela liberdade dos outros e, ao mesmo tempo, sem diluir e diminuir o escopo da proclamação e da reivindicação cristã em um relativismo vazio? Hoje, nada parece resistir, nada parece permanecer estável, não há mais certezas, dizíamos, mas até mesmo teoriza-se de que

vida. Este é o ponto: se a fé se torna experiência de vida, então a fé contra-ataca com uma nova cultura, então a fé se torna a sugestão de um trabalho fascinante para uma percepção, uma concepção e uma nova abordagem da vida e do mundo; para uma antropologia, uma concepção do homem, um sentimento do homem, para uma concepção da história e para uma concepção cósmica diferente” (FCL, *Documentação audiovisual*, Encontro de GS com Dom Giussani, Milão, 22 de fevereiro de 1979).

é correto que seja assim. As palavras de Jesus aos Apóstolos, «Vós sois o sal da terra [...]. Vós sois a luz do mundo»,²¹ adquirem para nós o sentido e o peso de uma enorme responsabilidade perante o mundo. Ou seja, somos convidados a nos voltar primeiro para aquilo – ou melhor, para Aquele – que é o único essencial e permanente.

As consequências de uma concepção

Neste ponto, gostaria de tentar tirar algumas conclusões das coisas que foram ditas para nos ajudar a dar um juízo sobre nossa situação atual e os passos que demos, estamos dando e teremos que dar.

Um primeiro elemento que se destaca, em minha opinião, olhando para fatores externos a nós, é o seguinte: não é verdade que não existam mais ideologias hoje: existem, mas elas mudaram. Então, certamente, a ideologia da oposição foi substituída pela ideologia do diálogo, em que o diálogo não é mais o instrumento para entrar em um relacionamento com o outro, como o Papa Francisco afirma continuamente, mas se tornou o objetivo final em si mesmo: “o diálogo pelo diálogo”, eliminando a possibilidade de alcançar uma verdade em direção à qual – é claro – sempre se está humildemente a caminho. E a ideologia do diálogo se torna a ideologia do equilíbrio. É o que Bento XVI profetizou: *a ditadura do relativismo*. O problema nos diz respeito profundamente, assim como diz respeito a todos: é um problema que diz respeito à Igreja e, portanto, também a nós. Diz respeito ao tempo em que vivemos.

Que verdade temos a propor? Não tenho outra resposta senão esta: Cristo e a novidade que Ele introduz na vida daqueles que O reconhecem e O acolhem. «Quando essa Presença [a presença de Cristo] atua em todas as relações da vida, quando nela ficam “penduradas” todas as relações; quando elas são salvas, julgadas, coordenadas, avaliadas, usadas à luz dessa Presença, tem-se uma cultura nova. Esta nasce então da posição que assume perante tal Presença excepcional e decisiva para a vida. Assim, São Paulo diz: “Este é o vosso verdadeiro culto”, esta é a cultura de vocês, é o ponto de vista novo a partir do qual devem ver o mundo, a realidade inteira. Quando alguém olha com olhos de criança para essa Presença, quer ele seja pequeno, quer maduro (basta que o olhar seja despido dos “mas” e dos “ses”, e repleto do pedido que alimenta

21 Mt 5,13-14.

o coração), então penetra as relações, próximas e distantes, com uma luz que não tem em comum com ninguém, exceto com quem tem a mesma posição diante de Cristo, do Deus que se fez Homem, do Verbo feito carne».²²

Adquirimos a certeza do juízo quando nos ajudamos a nos identificar com Cristo e Seu corpo histórico, que é a Igreja. Não temos outra verdade para nós mesmos! Como cristãos, estamos dispostos a segui-Lo até a cruz, por todo o caminho que Cristo, em obediência e unidade com o Pai, quis e teve de percorrer. E certamente isso o deixou desconfortável, e nós também nos sentimos desconfortáveis, sempre nos sentiremos desconfortáveis, sempre seremos *sem pátria*, enquanto formos *de* Cristo e *com* Cristo. Nosso ideal de presença não consiste em não tomar partido, quase se sentindo acima da briga: nosso ideal é ser *por* Cristo, o que significa exatamente o oposto, ou seja, nos lançarmos na briga com um juízo que é determinado apenas por nosso relacionamento com Cristo vivido na comunidade cristã.

Por que digo que todas essas coisas nos afetam de perto? Porque, em minha opinião, é nas consequências que vemos quando ocorre uma mudança de concepção. O modo como vivemos, o modo como somos, os juízos que temos sobre as coisas concretas da vida, os relacionamentos, a moral, os juízos que fazemos ou deixamos de fazer etc. são todos consequências de uma concepção. A falta de um juízo sobre coisas concretas corre o risco de introduzir algo diferente da origem. Deixe-me explicar: a queda, a imoralidade como uma queda, isso está sempre na conta (somos pecadores!) e a pessoa reconhece isso, é perdoada, levanta-se e começa de novo. O problema é quando ela é justificada, quando de fato a concepção muda em nós, um juízo diferente entra em jogo. E digo essas coisas porque vejo esse risco entre nós hoje. Certamente acreditamos que a verdade existe e pode ser encontrada, que Jesus vive entre nós não como uma definição, mas como uma presença. Mas dizer que é uma presença concreta traz algumas implicações importantes.

A comunidade cristã em diálogo com a modernidade

Primeira implicação: no encontro e no diálogo com a modernidade, há o reconhecimento de uma diversidade. Acredito que um risco que podemos ter corrido é pensar

22 L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 160–161.

que a diversidade que trazemos é medida por nossa capacidade de despertar um “espanto positivo” no outro que nos encontra. Como se a verificação da fé dependesse do consenso que ela é capaz de gerar. É claro que, se isso acontecer, tanto melhor, mas não é garantido! Pode ser exatamente o contrário. De fato, propor Cristo está sempre ligado a propor a verdade sobre o homem que a experiência cristã introduz. Essa deve ser uma preocupação do cristão que vem antes da preocupação de que o outro nos aprove, de que concorde conosco imediatamente. Afinal de contas, para o próprio Jesus foi assim: o que impulsionou a urgência do seu juízo foi seu relacionamento com o Pai e sua visão do homem a partir daí, não o reconhecimento que ele poderia ter dos homens. Ele também era uma presença muito incômoda e odiada. «Se o mundo vos odeia, sabeis que antes de vós me odiou a mim».²³ A pergunta é: qual é o critério, ou seja, a medida para determinar se a fé é válida?

A esse respeito, abro outro parêntese que é uma consequência adicional. Foi dito que é preciso ter certeza de quem se é, de sua identidade. Em que isso consiste? «Identidade significa pertencimento. Não é possível ter identidade sem pertencimento. Se eu quiser saber quem sou, preciso me fazer a seguinte pergunta: “A quem pertencço?”»²⁴ Quantas vezes ouvimos Dom Giussani dizer que a consistência da nossa pessoa, do nosso rosto, está na pertença a Deus, a Cristo, descoberta e vivida através da pertença à Igreja, ao movimento, ou seja, à companhia na qual Cristo nos colocou e com a qual nos faz caminhar! É esse pertencimento que é o conteúdo de uma nova autoconsciência, que, portanto, está imersa em uma história, desperta e se desenvolve graças a uma história. E quem vive essa autoconsciência investe – eu diria até inevitavelmente – com um novo juízo e ação tudo o que encontra, em uma profunda unidade com aqueles com quem é chamado. Esse é um ponto decisivo. Como a incidência cultural começa aqui, ela se alimenta disso. Quando não é esse o caso, de fato, diante dos problemas colocados pelo ambiente, das pressões da mentalidade dominante ou das realidades que nos colocam em dificuldade, caímos na tentação de restringir os termos da nossa experiência e de pensar que, no fim das contas, a única questão importante é – em um sentido diferente daquele a que nos referimos – a “autoconsciência”, a própria posição “pessoal”: isenta-

²³ Jo 15,18.

²⁴ Francisco, *Audiência com os professores e aos estudantes do Instituto São Carlos de Milão*, 7 de abril de 2019.

mo-nos do risco de um juízo cultural e de uma presença no mundo, reduzindo, no fim das contas, o conteúdo da autoconsciência e enfraquecendo a própria verificação da fé. Devo dizer que, em graus variados, isso também aconteceu entre nós nos últimos anos. Muitas vezes, vi o chamado à autoconsciência – entendida em um sentido reduzido – ser interpretado em oposição ao juízo ou à presença cultural. Isso é um empobrecimento. O horizonte de problemas que a vida apresenta não pode ser reduzido ao âmbito pessoal. Até porque os desafios que nos afetam pessoalmente muitas vezes fazem parte de um vasto e complexo horizonte do ambiente e da cultura, que não podemos enfrentar sozinhos. Como o fato de pertencer à Igreja desempenha um papel no enfrentamento desses desafios? Se não tiver mais nenhum impacto, esse pertencimento corre o risco de permanecer abstrato. Assim, cada um segue seu próprio caminho, e ficamos juntos apenas por conforto sentimental, por aceitação mútua, por reconhecimento mútuo que não se sustenta com o tempo. Não é isso que Dom Giussani nos propõe: «O que significa uma vida de comunhão vivida? Uma vida vivida juntos para viver a memória de Cristo. Porque é na fraternidade, é na companhia fraterna que a presença de Cristo é comunicada de modo mais pedagógico, é assimilada de modo mais vivo e seguro. Se a comunhão fraterna é vivida, então também podemos falar de um juízo verdadeiramente comunional; mas, na medida em que não há esforço para viver a vida de comunhão, o juízo comunional será o lugar da pretensão, onde fingiremos transmitir nosso ponto de vista».²⁵ Na minha opinião, isso interroga muito nossa ideia de presença, até mesmo a presença cultural.

A segunda implicação – a primeira implicação é o reconhecimento de uma diversidade – é a presença como *amizade*. Leio para vocês algo que Giussani diz, que me parece muito significativo no que diz respeito à sua relação com Leopardi, sabendo da importância decisiva que teve para ele e para toda a história do movimento: «Quando lia Leopardi em meu último ano do ensino fundamental – eu o li durante todo o mês de maio, sem estudar nada! –, Leopardi não era meu amigo. Ele representava muito melhor do que eu seria capaz de representar o que eu sentia, mas não era meu amigo: era uma autoridade estática, fora de mim. Quando comecei, no primeiro ano do ensino médio, a entender certas coisas, Leopardi me ensinava: ele me deu as razões da sua

25 L. Giussani, «Sul giudizio comunionale», op. cit., p. 103.

melancolia e eu descobri, a partir dessas razões, que não eram justas, as razões não eram exatas; era assim porque ele se esquecia de certas coisas. Então, eu deveria estar em desacordo com ele; mas não só não estava em desacordo, como também sentia pena dele e ele se tornou meu amigo. Uma pessoa se torna um amigo na medida em que você o internaliza, ou seja, entende os motivos pelos quais ele o representa. Quando você começa a entender os motivos e começa a ser crítico em relação a eles – ou seja, a entendê-los mais ou a entender suas limitações – então essa autoridade começa a se tornar sua amiga».²⁶

Portanto, é nesse sentido que a presença oferece amizade ao outro. Não se trata de esmagar o outro, de eliminar a diversidade, a fim de encontrá-lo. Afinal, Jesus Cristo queria chamar todos para si, não tinha o problema de dividir os bons dos maus; todos eram dele. E eu, nós, existimos com a vocação de chamar todos para Ele. É por isso que a crítica anda de mãos dadas com a proposta de uma amizade.

Tradição e juízo comunitário

Duas últimas breves menções: a primeira é sobre a tradição. Em breve a Fraternidade publicará com a Rizzoli um novo livro inédito de Giussani com seus discursos no período 1968-1970. Nesses textos, Dom Giussani diz que chegou o momento – ele já havia dito isso na época – em que não é mais suficiente reapresentar ou representar a tradição. Isso não significa, porém, que a tradição esteja ultrapassada. De fato, Giussani não para por aí, e em *Educar é um risco* diz: «O passado só pode ser proposto [...] se for apresentado *dentro de uma vida vivida no presente*».²⁷

A tradição não perde a importância, na verdade continua a ser importante, mas não pode mais ser considerada como algo natural. Portanto, é necessário um trabalho maior para valorizá-la à luz das novas questões colocadas pela modernidade. Nesse sentido, sinto que há uma necessidade urgente de nos perguntarmos o que significa hoje repropor concretamente a tradição no presente. É um convite que Giussani fez desde o início e que eu proponho novamente hoje: de quais instrumentos precisamos?

26 L. Giussani, «Tu» (*o dell'amicizia*), Milão: BUR, 1997, pp. 35–36.

27 L. Giussani, *Educar é um risco*, São Paulo: Ed. Companhia Ilimitada, 2019, p. 14.

Último passo: o juízo comunal. Como já disse, antes de tudo precisamos ouvir. Acredito que, se há algo em que às vezes pecamos, é uma certa presunção de chegar imediatamente a um juízo sem ter conhecimento das coisas. E, em vez disso, ouvir é importante justamente porque daí surge a necessidade, o desejo de um juízo verdadeiramente comunal. Um juízo que talvez seja explicitado por meio de uma voz, não necessariamente sempre a mesma, que diz como vemos as coisas. Afinal de contas, o que é o juízo? É dizer o que vemos quando olhamos para as coisas. Mas duas pessoas, olhando para a mesma coisa, podem ver duas coisas diferentes. Portanto, o valor de um juízo, por um lado, é encorajar uma oposição positiva, uma proposta razoável em relação à corrente dominante e, por outro lado, é também dar apoio a muitos que intimamente se sentem incomodados diante da corrente dominante, mas não sabem dar razões e, portanto, precisam de uma amizade à qual possam se vincular para poder viver adequadamente a sua relação com a verdade. Há então um valor educativo fundamental no juízo comunal: por mais que ele possa ser aproximativo, suscita um trabalho, um movimento e, então, uma presença.

Acredito que a expressividade de vocês, como centros culturais, pode ser gerada por esse juízo se vocês mesmos viverem uma pertença leal ao movimento. Por isso, concluo com uma citação de Giussani, tirada de *Certi di alcune grandi cose*, que pode dar uma pista a mais, além do que foi dito, para o momento de assembleia que teremos agora: «A fonte da cultura é [...] a experiência de uma companhia vivida, é a experiência de uma vida vivida. Eu queria simplesmente observar que a paixão pela verdade, que todos nós entendemos ser a mola para o desenvolvimento cultural, para a aventura da cultura, não é outra coisa senão a paixão pelo fato de Cristo e, portanto, é a paixão pela nossa companhia, pelo acontecimento da nossa companhia, pelo acontecimento da companhia do nosso movimento, que é o nosso modo de viver o grande acontecimento da grande companhia da Igreja de Cristo. Caso contrário, pode haver cultura, mas não é cultura cristã».²⁸

28 L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979–1981)*, Milão: BUR, 2007, p. 260.